

Questionário de Rastreamento do Ambiente Familiar - Revisitado

Manuela Pessanha & Cristina Nunes

(ESE, Instituto Politécnico do Porto & Universidade do Porto, Portugal)

Nos primeiros anos de vida, a família é o sistema social mais importante para as crianças e, para muitas nesta fase, a família é o único sistema social em que se desenrolam as rotinas diárias. Usualmente, a família faz parte de uma rede de sistemas sociais mais extensa, mas, do ponto de vista da criança, as interações que ela estabelece com os pais e os irmãos constituem o seu mundo social. É hoje genericamente aceite, e são vários os autores que o sugerem, que as oportunidades de desenvolvimento dependem, essencialmente, do contexto familiar em que a criança se insere (e.g., Magnusson & Stattin, 1998). Várias décadas de investigação permitiram concluir que o ambiente familiar exerce uma influência importante no desenvolvimento das crianças que se processa através das características sociodemográficas da família e da qualidade do ambiente familiar. Assim, a qualidade das interações pais-criança, o tipo de experiências e vivências que a família proporciona, bem como aspectos relativos aos cuidados básicos em termos de segurança e saúde, afiguram-se como primordiais para o desenvolvimento das crianças (Coutinho, 2003).

Com efeito, diversos estudos permitiram encontrar associações positivas, de fracas a moderadas, entre a qualidade do ambiente familiar e os resultados obtidos pelas crianças a nível cognitivo, da comunicação e da socialização (Burchinal, Roberts, Nabors, & Bryant, 1996; Burchinal, Roberts, Riggins, Zeisel, Neebe, & Bryant, 2000; Pessanha, no prelo). Do mesmo modo, verificou-se que os resultados obtidos pelas crianças a nível cognitivo, da comunicação e da socialização se encontravam associados, de forma positiva, a algumas características sociodemográficas da família, nomeadamente ao nível educacional da mãe e ao rendimento económico da família (Garrett, Ng'andu, & Ferron, 1994; Lozoff, Park, Radan, & Wolf, 1995; Pessanha, no prelo).

Diversos estudos têm documentado, também, a relação existente entre a qualidade do ambiente familiar e algumas características da família, nomeadamente o nível educacional, o estado civil e o estatuto profissional dos pais e o rendimento familiar (e.g., Goelman, 1988; Lozoff et al., 1995; Peisner-Feinberg & Burchinal, 1997; Burchinal et al., 2000). No mesmo sentido, Pessanha (no prelo) verificou que a qualidade global do ambiente familiar se encontrava fortemente associada ao rendimento económico da família e ao nível educacional da mãe, expresso através do número de anos completos de escolaridade.

Menaghan e Parcel (1991) propõem que um ambiente é positivo quando possibilita à criança estimulação e experiências cognitivas adequadas à idade, colocando-a em vantagem relativamente a outras crianças que não dispõem dessas experiências (Estimulação cognitiva); quando proporciona apoio emocional à criança, contribuindo para promover o seu desenvolvimento, na medida em que o encorajamento e o apoio face aos esforços de

aprendizagem da criança poderão ser um factor crítico para que a criança tire o máximo de partido dos recursos existentes no meio (Apoio emocional); e quando existe um esforço por parte dos pais para organizar e estruturar o meio físico próximo, imprimindo regularidade, coerência e constância às experiências do dia a dia (Ambiente físico). Estas três dimensões, com impacto no desenvolvimento da criança, constituem variáveis *proximais* (Gottfried & Gottfried, 1984) e deverão constituir alvos de avaliação de qualquer instrumento vocacionado para a apreciação da qualidade do ambiente em casa (Abreu-Lima, 2003).

Os efeitos de se crescer num ambiente marcado pela desvantagem são, muitas vezes, observados na idade escolar. Por exemplo, nos Estados Unidos da América, cerca de 50% das crianças, que vivem em ambientes caracterizados pela desvantagem económica, apresentam problemas escolares que incluem insucesso escolar e problemas de ordem emocional e comportamental. Apesar dos profissionais concordarem no que respeita à importância de se educar uma criança num ambiente caloroso e estimulante, existem poucos instrumentos estandardizados que permitam avaliar esses ambientes. Um desses instrumentos é a *Home Observation for Measurement of the Environment Inventory* (HOME; Caldwell & Bradley, 1984). No entanto, uma vez que a administração da HOME implica que um observador treinado esteja, pelo menos durante uma hora, em casa da família, exige muitos recursos quando se trata de um estudo com elevado número de crianças. O *Questionário de Rastreio do Ambiente Familiar* (traduzido do *Home Screening Questionnaire*; Coons, Gay, Fandal, Ker, & Frankenburg, 1981) apresenta-se como um instrumento de rastreio de aplicação rápida, fácil e económica e é rigoroso na identificação de crianças cujos ambientes familiares podem ser considerados de qualidade baixa (Coons, et al., 1981), parecendo ser uma medida fiável da qualidade do ambiente familiar e que pode ser utilizado em conjunto ou como alternativa à HOME (Pessanha & Bairrão, 2003, 2004).

O *Questionário de Rastreio do Ambiente Familiar* (QRAF) foi utilizado no âmbito de dois projectos de investigação desenvolvidos pelo Centro de Psicologia da Universidade do Porto. No projecto *A Qualidade das Interações da Criança em Contexto Familiar e de Creche e o seu impacto no desenvolvimento sociocognitivo da criança* (POCTI/35205/PSI/2000), que decorreu entre 2000 e 2004, foi estudado o envolvimento das crianças em contexto de creche e identificadas as principais variáveis determinantes do envolvimento da criança, nomeadamente: (1) Factores da criança: idade cronológica, idade desenvolvimental e temperamento; (2) Factores da família: educação da mãe, qualidade do ambiente familiar e comportamentos interactivos da mãe; e (3) Factores das salas de creche: qualidade global da sala e estilos de interacção dos adultos. O *Estudo Longitudinal do Envolvimento e Adaptação da Criança* (POCTI/PSI/58712/2004), na continuidade do anterior, pretendeu estudar o envolvimento e o seu valor preditivo na adaptação de crianças de idade pré-escolar aos contextos educativos actuais e futuros. Especificamente, pretendia-se saber se crianças que apresentavam níveis mais

elevados de envolvimento no contexto da creche revelavam, mais tarde, níveis mais elevados de adaptação aos contextos pré-escolar e escolar.

No presente trabalho pretende-se apresentar algumas características métricas de duas versões do Questionário de Rastreio do Ambiente Familiar, nomeadamente resultados relativos à sua validade e fidelidade, obtidos nos dois estudos descritos. Pretende-se, também, verificar em que medida os resultados obtidos no questionário se encontram associados a algumas variáveis sociodemográficas da família, nomeadamente a idade e o nível educacional da mãe, bem como o rendimento familiar.

Apresentação do Questionário

O Questionário de Rastreio do Ambiente Familiar foi desenvolvido com o objectivo de ser utilizado por profissionais de saúde e de educação que se interessam pela promoção do desenvolvimento das crianças. É um instrumento de despiste de factores que estão presentes no ambiente familiar das crianças e que se encontram relacionados com o seu crescimento e desenvolvimento. Os itens do QRAF foram seleccionados a partir de um outro instrumento de avaliação do ambiente: a *Home Observation for Measurement of the Environment* (HOME; Caldwell & Bradley, 1984) que serviu como base para se seleccionar, escrever e cotar os itens. No QRAF foram incluídos itens que, na HOME, mediam variáveis importantes, de carácter quer quantitativo quer qualitativo.

O principal objectivo do QRAF é o de despistar a qualidade do ambiente familiar de crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos de idade, tendo sido criado para identificar, o mais cedo possível, crianças que se encontrem em risco de apresentarem atrasos no seu desenvolvimento devido a influências ambientais negativas. Através da administração deste questionário, é obtido um valor que representa a qualidade global do ambiente familiar, incluindo características tais como actividades de estimulação da linguagem, organização e rotinas familiares, utilização de punição e actividades da família. Esta identificação precoce permite a intervenção junto da família no sentido de promover o crescimento e o desenvolvimento da criança, enquanto ainda pequena, numa altura em que a intervenção poderá ser mais eficaz. No entanto, este instrumento apresenta algumas limitações. Segundo Coons et al. (1981), uma vez que o questionário foi estandardizado em populações de estatuto socioeconómico baixo, não se recomenda a sua utilização com populações de estatuto socioeconómico médio ou alto. Os autores recomendam ainda que o instrumento não seja utilizado em populações que, em termos culturais, difiram muito da população que serviu de base à sua normalização. Por outro lado, os autores salientaram que o QRAF é um instrumento de rastreio, não tendo sido desenvolvido no sentido de diagnosticar problemas a nível das interacções familiares ou dos padrões de comunicação. Assim, os resultados considerados suspeitos deverão conduzir a uma avaliação mais profunda, quer da família, quer do ambiente

familiar. Nestes casos, os autores recomendam a utilização da HOME, como forma de obter informação adicional.

O QRAF tem a forma de um questionário dirigido às famílias, não implicando uma visita domiciliária. Este questionário demora cerca de 15 a 20 minutos a ser preenchido e inclui perguntas de escolha múltipla, perguntas abertas e perguntas de resposta sim/não. Inclui, ainda, uma listagem de brinquedos (utilizada nas duas formas do questionário), na qual os pais assinalam os brinquedos que existem em casa e que se encontram disponíveis para as crianças. O QRAF apresenta duas formas: uma destinada a crianças com idades compreendidas entre os zero e os três anos e uma outra destinada a crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos.

No estudo *A Qualidade das Interações da Criança em Contexto Familiar e de Creche e o seu impacto no desenvolvimento sociocognitivo da criança*, já referido anteriormente, foi utilizada a versão destinada a crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 3 anos. Esta versão é constituída por 30 perguntas e por uma listagem de 50 brinquedos. A cotação relativa à listagem de brinquedos não tem em conta a quantidade, mas o tipo de brinquedos que se encontram disponíveis em casa. Na versão dos 0-3 anos esta listagem pode ser cotada até um máximo de 11 pontos. De acordo com as normas relativas à cotação, obtém-se um valor subtotal relativo à pontuação atribuída às perguntas e um valor subtotal relativo à pontuação atribuída na listagem de brinquedos. Um valor total é calculado a partir da soma dos dois subtotais. Na versão dos 0-3 anos a cotação total máxima que é possível obter é de 43 pontos (Coons et al., 1981). No âmbito deste estudo, esta versão do QRAF e alguns itens foram adaptados tendo em consideração a especificidade cultural do nosso país. Nomeadamente, na lista de brinquedos foram eliminados dois itens (Pessanha & Bairrão, 2003, 2004).

De acordo com a versão original, um valor total igual ou inferior a 32 indica um resultado *suspeito*, enquanto que um valor total igual ou superior a 33 indica um resultado *não suspeito*. Estes valores foram seleccionados por serem os que identificavam valores baixos na HOME, mantendo, no entanto, baixo o número de falsos positivos. Os valores *baixos* da HOME foram definidos como os que se encontravam abaixo do percentil 50. O percentil 50 foi seleccionado porque se aproximava da percentagem de crianças, provenientes de ambientes considerados em desvantagem, que apresentavam problemas escolares. Um ambiente familiar com um resultado *suspeito* caracterizar-se-ia por ter poucos materiais escritos ou brinquedos disponíveis para as crianças e por os adultos, presentes nesse ambiente, providenciarem às crianças poucas actividades estimulantes (Coons et al., 1981).

No *Estudo Longitudinal do Envolvimento e Adaptação da Criança* foi utilizada a versão destinada a crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos. Esta versão é constituída por 34 itens e por uma lista de 50 brinquedos, já referida, agrupada em 14 itens que podem ser cotados até um máximo de 14 pontos. No âmbito deste estudo, esta versão do QRAF

foi traduzida e alguns itens foram, também, adaptados tendo em consideração a especificidade cultural do nosso país.

Na versão dos 3-6 anos a cotação total máxima que é possível obter é de 56 pontos (Coons et al., 1981). De acordo com a versão original e com o procedimento já descrito, um valor total igual ou inferior a 41 indica um resultado *suspeito*, enquanto que um valor total igual ou superior a 42 indica um resultado *não suspeito*.

Método

Como já foi referido, o presente trabalho insere-se no contexto dos dois projectos de investigação mais vastos já descritos que a partir de agora serão designados Momento 1 (M1) no caso do estudo *A Qualidade das Interações da Criança em Contexto Familiar e de Creche e o seu impacto no desenvolvimento sociocognitivo da criança* e Momento 2 (M2) no caso do *Estudo Longitudinal do Envolvimento e Adaptação da Criança*.

Participantes

No M1 participaram 120 crianças que frequentavam 30 salas de creche da Área Metropolitana do Porto (4 crianças da sala 1-2 anos e 4 crianças da sala 2-3 anos). Tanto as instituições como as crianças de cada sala foram aleatoriamente seleccionadas.

No M2, pretendeu-se observar estas mesmas crianças já em contexto de jardim-de-infância. No entanto, das 120 crianças que participaram no M1, apenas 76 (63%) participaram também no M2. Uma vez que, no segundo momento de observação, foi necessário recrutar crianças que substituíssem as que tinham abandonado o estudo, conseguimos obter dados relativos a 91 famílias.

A idade cronológica das 76 crianças (36 do sexo masculino e 40 do sexo feminino) que participaram no M1 e no M2 variava, no M1, entre 14 e 40 meses ($M = 26.41$, $DP = 6.67$) e no M2 variava entre 54 e 79 meses ($M = 68.55$, $DP = 5.76$).

Quanto às características sociodemográficas das famílias destas crianças verifica-se que a idade da mãe no M1 variava entre 18 e 42 anos ($M = 31.17$, $DP = 4.93$) e no M2 variava entre 21 e 47 ($M = 34.55$, $DP = 5.05$). Relativamente aos anos completos de escolaridade das mães participantes, verifica-se que variavam entre 3 e 18 (M1: $M = 10.61$, $SD = 4.47$, M2: $M = 10.78$, $SD = 4.56$) nos dois momentos. No que diz respeito ao rendimento económico mensal do agregado familiar no M1 variava entre 324 euros e 2619 euros ($M = 1362$, $SD = 733.24$). No M2, o rendimento económico mensal do agregado familiar variava entre 300 euros e 8000 euros ($M = 1785$, $SD = 1430.41$).

Instrumentos

Para além das duas versões do QRAF (0-3 e 3-6 anos) já descritas, foi também utilizada a HOME (*Home Observation for Measurement of the Environment Inventory*; Caldwell, & Bradley, 1984) e o Questionário à Família (QF; ECCE, 1997).

Escala de Avaliação do Ambiente Familiar (HOME): Neste estudo, foram utilizadas duas versões do Inventário HOME (Caldwell & Bradley, 1984): uma para crianças até aos 3 anos e outra para crianças entre os 3 e os 6 anos de idade. A versão dos 0 aos 2 anos, utilizada no M1, é composta por 45 itens, agrupados em 6 subescalas: Responsividade Emocional e Verbal da Mãe (11 itens), Aceitação do Comportamento da Criança (8 itens), Organização do Ambiente Físico e Temporal (6 itens), Fornecimento de Materiais Lúdicos (9 itens), Envolvimento Materno com a Criança (6 itens) e Oportunidades para a Variedade na Estimulação Diária (5 itens). Com base nos dados obtidos nas 120 famílias que participaram no M1, foi calculado o valor do Alpha de Cronbach para determinar a consistência interna dos dados da HOME no M1. A consistência interna dos dados foi elevada, indicando que a escala media um único constructo ($\alpha = .90$).

A versão dos 3 aos 6 anos, utilizada no M2, consta de 55 itens, agrupados pelos autores em 8 subescalas: Estimulação da Aprendizagem (11 itens), Estimulação da Linguagem (7 itens), Ambiente Físico (7 itens), Carinho e Aceitação (7 itens), Estimulação Académica (5 itens), Modelagem (5 itens), Variedade (9 itens) e Aceitação (4 itens). A denominação original das subescalas sofreu ligeiras alterações desde os anos 80 para cá, pelo que em escritos actuais os autores utilizam a nomenclatura Materiais de Aprendizagem no caso da primeira subescala e Responsividade no caso da subescala Carinho e Aceitação (Abreu-Lima, 2003).

Para cada item existem critérios bem definidos que permitem, com treino específico, fazer uma avaliação em termos da sua presença ou ausência (1 ou 0, respectivamente). Para além da nota global de cada escala, existem notas por subescala, que resultam do somatório das avaliações dos itens respectivos. Os valores mais elevados indicam ambientes familiares qualitativa e quantitativamente mais estimulantes para a criança.

Com base nos dados obtidos nas 91 famílias que participaram no M2, foi calculado o valor do Alpha de Cronbach para determinar a consistência interna dos dados da HOME no M2. A consistência interna dos dados foi elevada, indicando que a escala media um único constructo ($\alpha = .85$).

Questionário à Família: A informação relativa às características da família foi recolhida através de um instrumento desenvolvido e utilizado no âmbito do *Estudo Internacional sobre Educação e Cuidados de Crianças em Idade Pré-Escolar* (ECCE, 1997), o *Questionário à Família* (QF). Este instrumento é constituído por uma entrevista, dirigida a um elemento do agregado familiar das crianças envolvidas no estudo, normalmente as mães. Este questionário permite recolher informação acerca das condições de vida das crianças e dos seus agregados familiares.

No M1, este questionário foi adaptado tendo em conta os objectivos do estudo e a especificidade etária das crianças estudadas. Na sua versão para crianças em idade de creche, utilizada no M1, as áreas contempladas por este questionário foram as seguintes: composição do agregado familiar; condições de vida da criança; estatuto socioprofissional da mãe e do pai; situação económica do agregado familiar; história de prestação de cuidados e envolvimento dos pais na creche. Na sua versão para crianças em idade pré-escolar, utilizada no M2, as áreas contempladas mantêm-se com a devida adequação à faixa etária.

Procedimentos

O QRAF foi administrado sob a forma de uma entrevista semi-estruturada às mães das crianças envolvidas no estudo, tendo-se mantido as normas de cotação originais. Estas entrevistas realizaram-se no decurso de uma visita domiciliária e tiveram uma duração média de 20 minutos. Estas visitas foram previamente marcadas em consonância com a disponibilidade das famílias.

No que respeita ao cálculo do valor abaixo do qual se pode considerar um ambiente familiar como *suspeito*, isto é o *ponto de corte*, uma vez que não existem informações acerca da percentagem de crianças que, em Portugal, são oriundas de ambientes desfavorecidos e apresentam problemas escolares, utilizou-se o percentil 50 como base, à semelhança do que foi realizado pelos autores do questionário. Assim, na versão dos 0-3 anos, o valor encontrado coincide com o original, isto é, 32. Na versão 3-6 anos, o valor de corte encontrado é 40, sendo que, na versão original, o ponto de corte é o 41.

O QF foi administrado em conjunto com a HOME no decurso das visitas domiciliárias, em entrevista às mães e na presença das crianças. No total, este procedimento ocupou, em média, 63 minutos.

Análises

Efectuaram-se análises estatísticas descritivas e foram calculadas correlações no sentido de determinar a associação entre os resultados obtidos, nos dois momentos, através da aplicação do QRAF e da HOME. Foram ainda calculadas correlações entre os resultados obtidos através da aplicação do QRAF e a idade e os anos completos de escolaridade das mães, bem como o rendimento mensal do agregado familiar. Para a realização destas análises foram considerados, apenas, os dados obtidos nas 76 que participaram no M1 e no M2.

Considerando que os coeficientes de correlação são, por si só, suficientes para determinar a força da associação e que os valores de p são altamente influenciáveis pelo tamanho da amostra, a magnitude das correlações foi interpretada em termos do tamanho do efeito e não da significância estatística (Thompson & Snyder, 1998), com efeitos pequenos definidos como $r = .10$, efeitos moderados como $r = .30$ e efeitos grandes como $r = .50$ (Cohen, 1992). Assim, embora os resultados do teste de significância estatística sejam relatados, estes somente devem

ser interpretados no contexto do tamanho do efeito (Wilkinson and the Task Force on Statistical Inference, 1999).

Resultados

Os resultados indicam que as famílias obtiveram, no QRAF 1, um resultado total que variava entre 20 e 43 ($M = 32.21$, $DP = 5.90$) e no QRAF 2, um resultado que variava entre 24 e 51 ($M = 38.89$, $DP = 5.47$). Quanto à HOME, no M1 os resultados variavam entre 18 e 45 ($M = 35.55$, $DP = 7.36$) e no M2 variavam entre 23 e 54 ($M = 41.58$, $DP = 6.66$). Estes resultados revelam a existência de heterogeneidade a nível da qualidade do ambiente familiar nos dois momentos.

Com base nas normas originais de cotação do QRAF, verificámos que, no M1, cerca de 48.7% das famílias apresentavam um resultado considerado *suspeito* (isto é, com valores globais iguais ou inferiores a 32) e que cerca de 51.3% apresentavam um resultado *não suspeito* (isto é, com um valor igual ou superior a 33). No M2, verificámos que cerca de 56.6% das famílias apresentavam um resultado considerado *suspeito* (isto é, com valores globais iguais ou inferiores a 40) e que cerca de 43.4% apresentavam um resultado *não suspeito* (isto é, com um valor igual ou superior a 41).

Como já foi referido, analisaram-se algumas características métricas dos dados obtidos a partir da aplicação das versões do QRAF às famílias.

Fidelidade

Foi calculado o coeficiente Alfa de Cronbach para determinar a consistência interna dos dados no QRAF. A consistência interna dos dados foi elevada ($\alpha = .82$) para o M1 ($N = 120$) e moderada ($\alpha = .71$) para o M2 ($N = 91$). Estes valores parecem indicar que o mesmo constructo está a ser avaliado ao longo do instrumento.

Validade

Comparou-se, ainda, à semelhança do que foi realizado pelos autores do questionário, o QRAF com a HOME. Estes resultados são apresentados no Quadro 1. Através do cálculo do coeficiente de correlação de Pearson, verificou-se que a correlação entre o valor total do QRAF e o valor total da HOME era positiva (M1: $r = .91$, M2: $r = .76$), demonstrando existir uma associação forte entre os dois instrumentos.

Quadro 1. Intercorrelações Momento Produto de Pearson entre os resultados obtidos no QRAF e na HOME nos dois momentos

	1	2	3	4
1. QRAF 1	-			
2. QRAF 2	.58***	-		
3. HOME 1	.91***	.55***	-	
4. HOME 2	.55***	.76***	.57***	-

*** $p < .001$

Foi, ainda, analisada a validade do constructo do QRAF relativamente à sua precisão no rastreio de ambientes familiares de baixa qualidade. Foram calculados indicadores de precisão com base em quatro parâmetros calculados a partir do percentil 50 (p50) dos resultados obtidos no M1 e no M2, tanto no QRAF, como na HOME; nomeadamente:

(a) *copositividade*, isto é, o rigor no prognóstico de valores baixos na HOME a partir dos resultados no QRAF ($\text{QRAF} \leq p50 + \text{HOME} \leq p50$);

(b) *falsos positivos* ($\text{QRAF} \leq p50 + \text{HOME} > p50$);

(c) *falsos negativos* ($\text{QRAF} > p50 + \text{HOME} \leq p50$); e

(d) *conegatividade*, ou seja, o rigor no prognóstico de valores elevados na HOME a partir dos resultados no QRAF ($\text{QRAF} > p50 + \text{HOME} > p50$).

No Quadro 2 são apresentados os resultados relativos à precisão das duas versões do QRAF comparados com os das versões originais (HSQ).

Como se pode verificar, a percentagem de *concordância* entre os dois instrumentos, HOME e QRAF (0-3 e 3-6 anos) é, no nosso estudo, superior à da versão original. A percentagem de *copositividade* é superior no nosso estudo para a versão 0-3 anos e é inferior para a versão 3-6 anos. As percentagem de *conegatividade* e o *valor preditivo de resultados de rastreio positivos* são superiores no nosso estudo para as duas versões. A percentagem de *falsos positivos* é, em ambas as versões, inferior à da versão original e a percentagem de *falsos negativos* é inferior à original, na versão 0-3 anos, e superior à original, na versão 3-6 anos.

Quadro 2. - Resultados comparativos dos indicadores de precisão para o QRAF 0-3 e 3-6 anos

	QRAF 0-3 anos	HSQ 0-3 anos	QRAF 3-6 anos	HSQ 3-6 anos
Concordância entre o QRAF e a HOME	90%	74%	82%	71%
Copositividade	92%	81%	82%	86%
Conegatividade	88%	66%	83%	55%
Valor preditivo de resultados de rastreio positivos	92%	77%	85%	68%
Falsos positivos	6%	14%	8%	21%
Falsos negativos	4%	11%	10%	7%
Percentagem total de valores baixos no QRAF	53%	62%	52%	66%

No Quadro 3 são apresentadas as associações entre as duas versões do QRAF e as características sociodemográficas da família. Como podemos verificar, encontraram-se associações positivas, mas de fraca magnitude, entre a idade da mãe e os valores totais obtidos no questionário. Por outro lado, podemos verificar uma associação positiva e forte entre a escolaridade da mãe no momento 1 e os valores do QRAF nos dois momentos. Quanto à escolaridade da mãe no M2 verifica-se uma associação positiva forte com o QRAF do M1 e uma associação positiva, mas de magnitude moderada, com o QRAF do M2. Finalmente, no que respeita ao rendimento económico da família no M1, verifica-se uma associação positiva forte com o QRAF 1 e positiva moderada com o QRAF 2. Quanto ao rendimento económico no M2 verifica-se uma associação positiva moderada com as duas versões do QRAF.

Quadro 3. Intercorrelações Momento Produto de Pearson entre os resultados obtidos no QRAF e as variáveis sociodemográficas da família nos dois momentos

	QRAF 1	QRAF 2
Idade mãe M1	.13	.17
Idade mãe M2	.14	.18
Escolaridade mãe M1	.63***	.55***
Escolaridade mãe M2	.62***	.57***
Rendimento económico M1	.62***	.42***
Rendimento económico M2	.41***	.35**

** $p < .01$; *** $p < .001$

Discussão e considerações finais

Neste trabalho pretendia-se apresentar algumas características métricas de duas versões do QRAF, nomeadamente resultados relativos à sua validade e fidelidade. Pretendia-se, também, verificar em que medida os resultados obtidos no questionário se encontravam associados a algumas variáveis sociodemográficas da família, nomeadamente a idade e o nível educacional da mãe, bem como rendimento familiar.

No que respeita à fidelidade dos dados obtidos através do questionário, verificou-se que neste trabalho, ao contrário do verificado na versão original, os dados obtidos através da versão 0-3 anos apresentam uma consistência interna superior à versão 3-6 anos. Com efeito, na versão original, a consistência interna dos dados era de .74 para a versão 0-3 anos e de .80 para a versão 3-6 anos (Frankenburg & Coons, 1986). Esta discrepância poderá dever-se ao facto de na versão original terem participado 911 crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 3 anos e 590 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, enquanto que no nosso trabalho, como já foi referido, participaram 120 e 91 crianças, respectivamente. No entanto, estes valores estão de acordo com os resultados encontrados em outros estudos (e.g., Bryant, Burchinal, Lau, & Sparling, 1994; Camp & Headley, 1994).

No que diz respeito à validade dos dados obtidos através do questionário, verificou-se a existência de correlações fortes entre os resultados totais do QRAF e da HOME, o que poderá indicar que ambos os instrumentos avaliam muitos aspectos comuns. Uma vez mais, estes resultados estão também de acordo com os encontrados na versão original que foram de .71 ($N = 61$) e .81 ($N = 58$) para as versões 0-3 anos e 3-6 anos respectivamente (Coons, et al., 1981).

Relativamente ao ponto de corte, verifica-se a coincidência entre a versão original e os dados obtidos no nosso trabalho. No que respeita à precisão das versões do instrumento utilizadas no presente trabalho, pode considerar-se a versão dos 0 aos 3 anos mais rigorosa no rastreio de ambientes familiares de baixa qualidade do que a versão dos 3 aos 6 anos, uma vez que esta apresenta uma conegatividade, isto é, o rigor no prognóstico de valores elevados na HOME, a partir dos resultados no QRAF mais elevada (83%) do que a copositividade, isto é, o rigor no prognóstico de valores baixos na HOME, a partir dos resultados no QRAF. Ademais, no nosso trabalho, a percentagem de falsos negativos, isto é, resultado *não suspeito* no QRAF e valor baixo na HOME, é de 10% na versão 3-6 anos. De acordo com Frankenburg e Coons (1986), um instrumento de rastreio deveria apresentar uma copositividade mais elevada que a conegatividade e uma percentagem mais elevada de falsos positivos do que de falsos negativos. Estes resultados apontam para a necessidade de a versão dos 3 aos 6 anos ser estudada de forma mais aprofundada em estudos que incluam um número de participantes mais alargado.

Os nossos resultados apontam também para a existência de associações entre os valores totais obtidos nas duas versões do questionário e algumas características sociodemográficas das famílias. Assim, a qualidade do ambiente familiar, avaliada através do QRAF, varia de acordo com algumas características demográficas, como o nível educacional, e com o rendimento familiar. Este aspecto mostra-se relevante na medida em que se verifica uma maior probabilidade de nas famílias de estatuto socioeconómico mais baixo se encontrar um ambiente familiar de mais baixa qualidade, o que poderá colocar as crianças que nele se encontram inseridas em situação de maior vulnerabilidade desenvolvimental.

Em conclusão, pode considerar-se que o QRAF é preciso na identificação de crianças e famílias que obtêm resultados baixos na HOME, mas não parece ser tão rigoroso quando é

utilizado em populações com estatuto socioeconómico mais elevado. No entanto, nos casos em que os valores apontam para um ambiente familiar considerado suspeito em termos de qualidade, a informação deverá ser complementada através da administração da HOME.

Referências

- Abreu-Lima, I. M. P. (2003). *Cenários de educação e desenvolvimento: o meio familiar e o seu impacto na educação e desenvolvimento da criança*. Dissertação de doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Bryant, D. M., Burchinal, M., Lau, L. B., & Sparling, J. J. (1984). Family and classroom correlates of head start children's developmental outcomes. *Early Childhood Research Quarterly*, 9, 289-309.
- Burchinal, M. R., Roberts, J. E., Nabors, L. A., & Bryant, J. E. (1996). Quality of center child care and infant cognitive and language development. *Child Development*, 67, 606-620.
- Burchinal, M. R., Roberts, J. E., Riggins, Jr., Zeisel, S. A., Neebe, E., & Bryant, D. (2000). Relating quality of center-based child care to early cognitive and language development longitudinally. *Child Development*, 71(2), 339-357.
- Caldwell, B., & Bradley, R. (1984). *Home Observation for the Measurement of the Environment*. Little Rock: University of Arkansas at Little Rock.
- Camp, B. W., & Headley, R. (1994). Predicting Developmental Status from the Home Screening Questionnaire at 12 Months. *Developmental and Behavioral Pediatrics*, 15(3), 204-206.
- Cohen, J. (1992). Quantitative methods in Psychology; A power primer. *Psychological Bulletin*, 112, 155-159.
- Coons, C. E., Gay, E. C., Fandal, A. W., Ker, C., & Frankenburg, W. K. (1981). *The Home Screening Questionnaire. Reference Manual*. John F. Kennedy Child Development Center. University of Colorado Health Sciences Center. Denver, Colorado.
- Coutinho, M. T. (2003). Formação Parental: Avaliação do impacto na família. *Psicologia*, XVII, 1, 227-244.
- Frankenburg, W. K., & Coons, C. E. (1986). The Home Screening Questionnaire: Its Validity in Assessing the Home Environment. *Journal of Pediatrics*, 108, 624-626.
- Garrett, P., Ng'andu, N., & Ferron, J. (1994). Poverty experiences of young children and the quality of their home environments. *Child Development*, 65, 331-345.
- Goelman, H. (1988). The relationship between structure and process variables in home and day care settings on children's language development. In R. A. Pence (Ed.), *Ecological Research with Children and Families. From Concepts to Methodology*. New York: Teachers College.
- Gottfried, A. W., & Gottfried, A. E. (1984). Home environment and cognitive development in young children of middle-socioeconomic status families. In A. Gottfried (Ed.), *Home environment and early cognitive development* (pp. 57-115). Orlando, FL: Academic Press.
- Lozoff, B., Park, A. M., Radan, A. E., & Wolf, A. W. (1995). Using the HOME Inventory with infants in Costa Rica. *International Journal of Behavioral Development*, 18 (2), 277-295.
- Magnusson, D., & Stattin, H. (1998). Person-context interaction theories. In W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 1. Theoretical Models of Human Development* (5th ed.). New York: Wiley.
- Menaghan, E., & Parcel, T. L. (1991). Determining children's home environments: the impact of maternal characteristics and current occupational and family conditions. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 417-431.

- Peisner-Feinberg, E. S., & Burchinal, M. R. (1997). Relations between preschool children's child care experiences and concurrent development: The Cost, Quality, and Outcomes Study. *Merrill-Palmer Quarterly*, 43, 451-477.
- Pessanha, M. (no prelo). *Vulnerabilidade e resiliência no desenvolvimento dos indivíduos: Influência da qualidade dos contextos de socialização no desenvolvimento das crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pessanha, M., & Bairrão, J. (2003). The Home Screening Questionnaire: A validation study. *International Journal of Child & Family Welfare*, 6 (1-2), 27-32.
- Pessanha, M., & Bairrão, J. (2004). Questionário de Rastreio do Ambiente Familiar: Estudo de validação. *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, Vol. X, 204-207.
- Thompson, B., & Snyder, P. A. (1998). Statistical significance and reliability analysis in recent Journal of Counseling & Development research articles. *Journal of Counseling and Development*, 76, 436-441.